



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

JOSEILDA SANTOS DA SILVA

**A VISÃO DOS ALUNOS DA ESCOLA ESTADUAL RAUL CÓRDOLA
SOBRE O USO E ABUSO DE DROGAS**

**CAMPINA GRANDE-PB
2011**

JOSEILDA SANTOS DA SILVA

**A VISÃO DOS ALUNOS DA ESCOLA ESTADUAL RAUL CÓRDOLA
SOBRE O USO E ABUSO DE DROGAS**

Trabalho apresentado ao curso de Serviço Social da
Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às
exigências para obtenção do título de Bacharel em
Serviço Social.

ORIENTADORA: MSc Marlene Helena de Oliveira
França.

CAMPINA GRANDE – PB
2011

S586v

Silva, Joseilda Santos da.

A visão dos alunos da Escola Estadual Raul Córdola sobre o uso e abuso das drogas [manuscrito]. /Joseilda Santos da Silva. – 2011.

29 f.:il.

Trabalho Acadêmico Orientado (Graduação em Serviço Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2011.

“Orientação: Profa. Ma. Marlene Helena de Oliveira Santos, Departamento de Serviço Social”.

1. Drogas. 2. Dependência química. 3. Família. 4. Escola. I. Título.

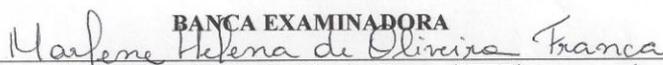
21. ed. CDD 394.14

JOSEILDA SANTOS DA SILVA

**A VISÃO DOS ALUNOS DA ESCOLA ESTADUAL RAUL CÓRDOLA
SOBRE O USO E ABUSO DE DROGAS**

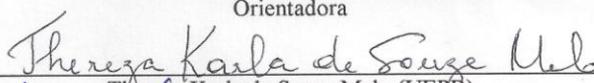
Aprovado 21.09 2011

BANCA EXAMINADORA



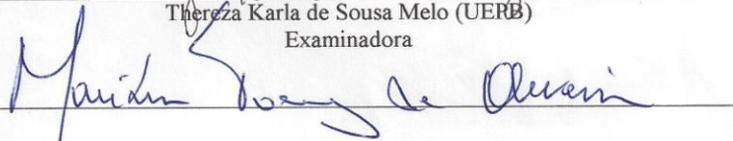
Marlene Helena de Oliveira França (UEPB)

Orientadora



Thereza Karla de Sousa Melo (UEPB)

Examinadora



Marília Tomaz de Oliveira (UEPB)

Examinadora

CAMPINA GRANDE-PB
2011

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 BREVE HISTORICO SOBRE O USO DAS DROGAS.....	8
3 AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES NO ENFRETEAMENTO DAS DROGAS.....	13
4 A FAMÍLIA E AS DROGAS: UMA RELAÇÃO COMPLICADA.....	15
5 ALGUNS MOTIVOS QUE LEVAM UMA PESSOA A USAR DROGAS.....	16
6 POLÍTICA NACIONAL ANTIDROGAS.....	18
7 BREVE CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO.....	20
8 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA.....	21
9 CONSIDERAÇÕES APROXIMATIVAS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29

SILVA, Joseilda Santos da. **A Visão dos Alunos da Escola Estadual Raul Córdola Sobre o Uso e Abuso de Drogas.** Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba. (2011).

RESUMO

O presente artigo traz os resultados de uma pesquisa que teve como principal objetivo compreender como vem sendo trabalhada a questão da prevenção das drogas na visão dos alunos da escola Estadual Raul Córdola. A mesma foi fruto de uma experiência de estágio realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Raul Córdola, localizado na Rua José Gabio de Oliveira, s/n, Bairro, Cruzeiro, Campina Grande Paraíba, no período de março de 2009 a junho de 2010. Os sujeitos da pesquisa foram os alunos da referida instituição. Em um universo aproximado de 400 estudantes foram entrevistados 32 alunos. Destes, 16 homens e 18 mulheres. Os dados foram obtidos inicialmente a partir de nossas observações como estagiária de serviço social e, posteriormente, pela aplicação de um questionário previamente elaborado com questões abertas. Os resultados deste estudo mostraram que os problemas relacionados às drogas é uma questão polêmica e complexa, para a qual tanto o meio escolar quanto o familiar não estão preparados para ajudar na prevenção ou recuperação de indivíduos usuários de drogas. Essa questão é agravada pelo fato dos professores não disporem dos subsídios necessários por parte do Estado nem tampouco os familiares, que negam a dependência química de seus filhos.

Palavras-chave: Drogas; Dependência; química; Escola; Família.

ABSTRACT

This paper aimed to understand how the issue has been worked in drug prevention in the vision of the school Córdola Raul State. The same was the result of a training experience in the State School for elementary and high school Córdola Raul, located at Rua Jose de Oliveira Gabio, s/n, Bairro Cruzeiro, Campina Grande Paraíba, from march 2009 to june 2010. The research subjects were students of that institution. In a universe of approximately 400 students were interviewed 32 students. Of these, 16 men and 18 women. Date was obtained initially from our observations of social work as an intern and later by applying a previously prepared questionnaire with open questions. The results shouted that the drug problems is a complex and controversial issue, for which both the stchool and the family are not prepared to help in the prevention or recovery from alcohol and drug users. This issue is compounded by the fact that teachers do not have the required subsidies from the state nor the family, since they deny the addiction from their children.

Keywords: Drugs; Addiction; School; Family.

1 INTRODUÇÃO

O artigo apresentado tem como tema: A visão dos alunos da Escola Estadual Raul Córdola sobre o uso e abuso de drogas. Nele abordamos algumas questões referentes às formas de prevenção, adotadas pelos órgãos de recuperação, as dificuldades que os professores enfrentam no exercício de sua profissão cotidianamente quando se deparam com alunos usuários de drogas, a relação dos familiares em relação à dependência química do (a) filho (a), entre outros. Este estudo teve como objetivo principal analisar como os professores vêm trabalhando a prevenção das drogas no espaço escolar. Para tanto, usamos como base teórica autores como Cavaliere e Egypto (2010); Medeiros (2006); Lacerda (2011).

Nossa pesquisa foi fruto de uma experiência de estágio realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Raul Córdola, a partir da qual sentimos a necessidade de conhecermos um pouco mais sobre como vem sendo trabalhada a problemática das drogas no espaço escolar. Essa temática foi considerada relevante em razão das drogas fazerem parte do convívio social desde as primeiras civilizações e atualmente está inserida de uma forma descomunal e sem precedentes nas sociedades pós-modernas especialmente na sua forma sintética, além de ser uma das causas da desestruturação familiar e social vividas pelas populações atuais de um modo geral.

Pretendemos por meio deste estudo, ampliar a produção bibliográfica nesta área, contribuindo com outras pesquisas que também discutam a temática das drogas. A pretensão, portanto, é de que esta pesquisa contribua para ampliar os conhecimentos dos (as) profissionais acerca da problemática em questão, servindo, deste modo, de suporte para nortear suas ações.

A presente pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Raul Córdola, localizado na Rua José Gabio de Oliveira, s/n, no bairro Cruzeiro, Campina Grande, Paraíba, no período de março de 2009 a junho de 2010. Os sujeitos da investigação foram constituídos pelos alunos da referida escola. Do universo de 400 estudantes presente em 16 salas de aula foram entrevistados 32, dentre os quais foram escolhidos dois em cada sala, sendo um do sexo feminino e outro do sexo masculino. Os dados foram obtidos através de um roteiro de entrevista composto por questões abertas.

O presente artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: no primeiro momento apresenta um breve histórico sobre o uso das drogas, logo após trataremos as dificuldades dos professores no enfrentamento das drogas, seguido do item: A família e as drogas: uma

relação complicada. Em seguida destacaremos alguns motivos que levam uma pessoa a usar drogas; finalizando com a caracterização do campo de estágio, as análises e discussão dos dados da pesquisa e as considerações aproximativas.

2 BREVE HISTÓRICO SOBRE O USO DAS DROGAS

Historicamente, as drogas acompanham a humanidade desde os primórdios de sua existência. Sendo assim, não pode ser considerada uma descoberta recente da humanidade, uma vez que está presente desde o surgimento das civilizações antigas, indígenas, modernas e pós-modernas, embora cada sociedade venha atribuindo significados diferentes às drogas que variam de acordo com a cultura e a religião. As drogas estão presentes também na medicina, nas estratégias militares ou na satisfação pessoal do usuário (LESSA, 1998 apud LACERDA, 2011). Ou seja, as drogas surgem como um problema que se inicia individualmente e toma proporções gigantescas, interferindo na vida do indivíduo e da sociedade de uma forma descomunal que chega a se confundir com a história da humanidade. Provavelmente, as sociedades antigas e pós-modernas não seriam as mesmas sem a existência das substâncias psicotrópicas, sobretudo, por tratar-se de uma ligação que envolve crenças religiosas, interesses econômicos e sociais. De acordo com Silveira (2006 Apud CAVALIERE E EGYPTO, 2010), os primeiros vestígios de drogas foram encontrados em 1000 a.C. juntamente com o surgimento da agricultura. Em 4000 a.C. fibras de cânhamo são achadas na China e o Egito já produzia vinho e cerveja. O ópio era utilizado pelos sumérios em 3500 a.C. No ano de 2700 a.C. foram encontrados vestígios de maconha – a *canabis sativa*, na Europa Oriental. A folha da coca era consumida pelos povos da América do sul. Em 2000 a.C. nativos da América Central erguem templos para cogumelos, vistos como deuses. Em 800 a.C. a Índia produz bebidas alcoólicas destiladas. Já em 600 a.C. são encontrados evidências do cultivo de tabaco na América do sul. O Ópio chega ao Oriente em 300 a.C.

No início da Era Cristã a ayahuasca já era produzida pelas civilizações amazônicas. Em 450, o uso da coca se torna comum entre os povos Incas. No ano de 1492, Cristóvão Colombo descobre o tabaco, utilizado pelos índios do Caribe. No Século XVI, Portugal e outros países europeus passam a consumir ópio. Américo Vespúcio faz relatos sobre o uso

da coca. O peiote era usado nas cerimônias religiosas na época do descobrimento da América. Nesse mesmo período, os espanhóis levam o tabaco para a Europa.

Nos Séculos XVI a XIX, a maconha é consumida no Brasil, principalmente por índios e negros. No Século XVIII, o cânhamo é usado como planta medicinal no ocidente. Nesse mesmo período, o efeito do absinto é descoberto. O ópio é cultivado livremente e usado por soldados na guerra civil norte-americana. Visando o consumo do tabaco, são criados no Século XIX, os cigarros e charutos em substituição aos cachimbos. Os efeitos nocivos do tabaco para a saúde já eram conhecidos antes desse período. Nessa mesma ocasião presencia-se a guerra pelo comércio do ópio entre a Inglaterra e a China. Entre os anos de 1800-1900, várias drogas são descobertas, dentre elas, a morfina, um poderoso analgésico, que é extraído do ópio. A heroína também é produzida a partir do ópio. A indústria farmacêutica Bayer produz comercialmente a heroína, como remédio contra tosse. A cocaína, uma droga muito forte, é produzida a partir das folhas de coca. A Alemanha produz a anfetamina. Nesse período, ocorre também a descoberta da mescalina, extraída do cacto peiote. O absinto, descoberto anteriormente, se populariza na França. Nessa sequência de descobertas e fabricação de novas drogas, a Inglaterra cria a primeira lei antidroga, proibindo a venda e o comércio do ópio e outras drogas ilegais. Na primeira década de 1900, os pesquisadores descobrem o ácido lisérgico e são relatados os primeiros casos de problemas de saúde causados pela cocaína. A fórmula da coca-cola é transformada para extrair a cocaína de sua composição. O uso do ópio é considerado crime nos Estados Unidos, mesmo sendo usado na medicina para reduzir o sofrimento dos dependentes químicos e, o peiote é usado livremente nas cerimônias religiosas nos Estados Unidos e Canadá. É sintetizado pela primeira vez o MDMA (Metilendioximetanfetamina), conhecido posteriormente como o ecstasy. Os Estados Unidos proíbe a fabricação, transporte e venda de todas as bebidas alcoólicas e o uso da maconha. Nessa mesma direção de proibição e descoberta, nasce a religião do Santo Daime, que faz uso do ritual da ayahuasca. Os efeitos alucinógenos do LSD (Ácido lisérgico) são descobertos por acidente, pelo químico suíço Albert Hofman. A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) estimula o uso de drogas como anfetaminas, muito utilizadas pelos soldados. Após esse período, o uso de drogas psicoativas como a maconha, cocaína e heroína ganha maior destaque nos Estados Unidos, com o surgimento dos movimentos hippies e movimentos estudantis de contestação e contra cultura. A partir de 1980, a Organização das Nações Unidas (ONU) passa a apoiar o combate ao consumo de opiáceos e cocaína. A França aprova lei que garante tratamento gratuito,

anônimo e voluntário a dependentes químicos. A Holanda legaliza o primeiro programa de redução de danos, distribuindo seringas e agulhas para os dependentes de heroína, um modelo preventivo que se diferencia do modelo norte americano. Surge o crack, a partir da pasta base da cocaína. O ecstasy se populariza, nas *raves* da Europa e é proibido nos Estados Unidos. No final da década de 1990, o Brasil adere a programas de redução de danos semelhante aos da Holanda. O ano de 2000 é marcado pelo consumo exagerado de medicamentos de todos os tipos, incluindo substâncias psicoativas. Os Estados Unidos financiam o combate ao tráfico e a produção de cocaína na Colômbia. O Canadá regulamenta o uso, o plantio e a comercialização do produto. Portugal descriminaliza o consumo de drogas. E o Brasil revisa ações e a lei antidrogas. O fato é que todas essas drogas possuem substâncias psicotrópicas que alteram o comportamento, o humor e a cognição. São fáceis de serem utilizadas pelo próprio usuário, podendo levar consequentemente ao abuso e à dependência. Ou seja, seu uso contínuo e indiscriminado pode causar danos “irreversíveis” a quem usufrui de tais substâncias, e são encontrados no estado inatura, “natural” como é o caso da maconha (nome científico *canabis sativa*) e da cocaína, um alcalóide retirado da planta eritroxilon coca. No caso das anfetaminas, morfina, anoréxicos e ecstasy, estas fazem parte do grupo das drogas sintéticas, drogas que são transformadas e produzidas em laboratórios.

As drogas podem ser classificadas em lícitas, como é o caso do álcool, cigarros, e remédios a exemplo dos benzodiazepínicos e anoréxicos, utilizados no tratamento de distúrbios nervosos e alimentares, respectivamente. Essas drogas são jurídica e socialmente aceitas. E ilícitas, predominando no campo da ilegalidade a maconha, a cocaína e o crack, entre outras. Uma vez que não são bem vistas pela sociedade e legalmente negadas. A esse respeito Lacerda (2011) afirma que no Brasil, as drogas mais usadas são as substâncias lícitas, prevalecendo o álcool e o cigarro e em menor proporção os solventes, sendo inseridas nos diversos contextos sociais com os quais os jovens se relacionam, incluindo a própria família e a instituição escolar, podendo ser usado livremente em festas, shows, entre outros, muitas vezes, sem causar dependência química para os usuários. No entanto, a população apesar de saber dos danos causados por essas drogas negam qualquer tipo de consequência relacionada às mesmas, acreditando que os problemas só são causados pelas drogas proibidas, esquecendo que as drogas legalizadas podem ser tão perigosas quanto as ilegais. Por isso é necessário que a população conheça de forma clara e verdadeira seus reais efeitos, para não cometer equívocos de aumentar ou minimizar o problema. Mesmo sendo

permitidas, é necessária uma postura consciente e responsável por parte do usuário, para não se tornar em um dependente químico. Por isso, consideramos relevante e oportuno elaborar um quadro com algumas drogas lícitas e ilícitas e algumas das consequências que estas causam ao organismo, fundamentado na teoria de Lacerda (2011), como veremos a seguir:

O quadro abaixo mostra alguns danos causados no organismo pelas drogas lícitas e ilícitas:

		Consequências/ danos
Drogas Lícitas	Álcool	Pode causar ressaca, agressividade, acidentes e lesões físicas, redução do desempenho sexual, envelhecimento precoce, problemas digestivos, doenças do fígado, úlceras, inflamação do pâncreas, pressão alta, lesões cerebrais, musculares e nervosas, alguns tipos de cânceres, causa ansiedade, depressão e em casos graves levam ao suicídio.
	Cigarro	É responsável por causar envelhecimento precoce, infecções respiratórias, asma, pressão alta, diabetes, e em mulheres grávidas pode causar abortos e o nascimento de bebês prematuros, problemas renais, obstrução das vias aéreas, doenças do coração, derrame e cânceres.
	Anfetamina	Está associado a problemas de insônia, perda de apetite, e peso, desidratação, ranger de dentes, dor de cabeça e muscular, alteração de humor, ansiedade e depressão, agitação, mania, paranóia, tremores, problemas cardíacos, falta de ar, lesões cerebrais e do fígado, agressividade e morte súbita.
	Inalante	Seus efeitos nocivos são vertigem, alucinação, sonolência, desorientação, sinusite, sangramento nasal, úlceras, perda de memória, depressão, agressividade, dificuldade coordenação motora, falta de oxigênio no cérebro.
Drogas Ilícitas	Maconha	Causa problemas de atenção, motivação, ansiedade, paranóia, depressão, capacidade de resolver problemas, pressão alta, asma, bronquite, problemas do coração, e cânceres.

	Cocaína/crack	Pode causar insônia, problemas do coração, perda de peso, alteração de humor, depressão, paranóia, fissura intensa, morte súbita por problemas do coração.
	Opiáceo	Pode causar coceira, vômito, sonolência, problemas de memória, diminuição de desejo sexual, dificuldades financeiras e no trabalho, sintomas de abstinência fortes, overdose, e morte por insuficiência respiratória,
	Oxi	Entre os efeitos colaterais estão aumento da pressão arterial, alto risco de infarto e acidente vascular cerebral. A longo prazo, o cérebro é afetado, podendo sofrer da memória e diminuição da capacidade de concentração e de raciocínio.

As drogas elencadas no quadro acima são as mais conhecidas da população em geral, dos jovens e idosos. No entanto, com o avanço da tecnologia, novas drogas têm surgido, inclusive, na forma sintética para a área da saúde, porém, não acessível para a população mais carente, que tem um acesso mais restrito às drogas desse tipo. Um problema que está diretamente relacionado ao uso abusivo das drogas diz respeito à “qualidade” da droga utilizada pelos usuários, que sem condições financeiras para manter o vício buscam alternativas mais baratas para conseguir seu intento, a exemplo do crack, um subproduto da cocaína, criado para facilitar o acesso dos usuários e mais recentemente o oxi, um derivado do crack, que de acordo com Cuminale (2011), é uma mistura de pasta base de cocaína, querosene e cal virgem, que surgiu na década de 1990, no Estado do Acre e atualmente vem se espalhando pelos centros urbanos como, Piauí, Paraíba, São Paulo e Rio de Janeiro. Seu uso vem aumentando por ser uma droga mais barata e viciante do que o crack. E esta é a razão do seu alto poder de destruição. As pessoas mais pessimistas acreditam que após a instalação da dependência química, segundo Lima e Azevedo (2003), os usuários não são mais passíveis de recuperação. Sabemos que a recuperação não é algo fácil de ser atingido, mas também não é impossível. Para que isso aconteça, é necessário haver interesse por parte do dependente químico de buscar de novas alternativas e tratamentos em face de sua dependência, minimizando, assim, os efeitos destrutivos da droga da qual é dependente. No entanto, para se conseguir esse feito é de extrema importância contar com apoio de profissionais especializados no assunto, da família e porque não dizer também dos vários espaços da sociedade. Como estamos discutindo a questão do tratamento, convém ressaltar aqui os métodos de prevenção adotados pela maioria dos órgãos e centros de recuperação

que recebem dependentes químicos. Os métodos aos quais nos referimos se situam no modelo de prevenção e, de acordo com Lacerda (2011), este se divide em três fases que são:

Prevenção primária: Nesta fase, as ações visam impedir ou diminuir o acesso do primeiro contato com a droga, para que o consumo não se torne abusivo e conseqüentemente problemático. A educação se apresenta como agente promotora de saúde, através de informações e medidas sociais. Oferecendo aos jovens medidas alternativas de lazer, esporte, dança e cultura, na tentativa de afastá-los do mundo das drogas.

Prevenção secundária: Esta fase é constituída de ações interventivas para evitar que a dependência se agrave ou se estabeleça. É um trabalho realizado por profissionais especializados, voltado para pessoas que já fazem uso da droga e manifestam problemas. É direcionada para um público específico, ou seja, um grupo de pessoas que usa drogas eventualmente ou com certa frequência e a dependência ainda não tenha se instalado. Nesse segundo momento é necessário chegar a um diagnóstico inicial, para então decidir por uma orientação dirigida e, se necessário, optar por uma intervenção no momento da crise.

Prevenção Terciária: As ações são voltadas para diminuir a prevalência dos graves problemas causados pelo uso consecutivo e abusivo de entorpecentes, quando a dependência já está instalada. Adota-se nesta fase terapias e reabilitação. Porém, os métodos até então utilizados pelos órgãos de tratamento não são totalmente eficazes e, por isso, encontram na escola uma grande aliada para ajudar na prevenção dos dependentes químicos.

3 AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES NO ENFRENTAMENTO DAS DROGAS

A escola, por ser um lugar de grande efervescência cultural, social e política, tem sido, segundo Medeiros (2006), chamada constantemente para solucionar problemas de ordem social, como o uso indevido das drogas. Contudo, tal atribuição é feita sem que a escola receba do Estado a ajuda suficiente e adequada para atender o que lhe é exigido. Além do desligamento de suas atribuições nos vários níveis do governo. Para que tenhamos uma idéia mais detalhada a esse respeito, a última LDB (Lei de Diretrizes e Bases) definiu um regime de colaboração entre a união, os estados e os municípios dos respectivos níveis do sistema de ensino, sujeitando as esferas dos estados e dos municípios à tutela da união.

Ainda de acordo com Medeiros (2006), as dificuldades para a escola começam com a implantação de projetos pedagógicos baseados sobre o discurso da democracia e pluralidade. Geralmente, são elaborados de cima para baixo, por técnicos que desconhecem a realidade

escolar e são repassados para os professores sem ouvir a sua opinião, sem saber das suas necessidades nem tampouco a dos alunos e da comunidade da qual fazem parte. Os projetos mais avançados até propõem considerar a realidade dos alunos; transmitir o conteúdo pedagógico; cuidar da disciplina e preparar o aluno para o futuro, mas tiram dos professores os mecanismos de controle como: Notas, aproveitamento e avaliação.

Com isso, a equipe técnica escolar fica sem autonomia para desenvolver de forma adequada aquilo que é exigido pelos projetos pedagógicos, já que se encontra distante do lugar do saber. E ainda, a forma de como a escola está estruturada não viabiliza aos docentes: lugar, tempo, nem recursos suficientes para preparar suas aulas e fazer pesquisas, dificultando até mesmo o acesso a computadores, assinaturas de revistas e jornais, e o acesso aos assuntos atuais. Como se não bastasse, ainda enfrentam alunos agressivos e hostis, pais inseguros e tensos.

Por outro lado, os alunos precisam conviver com uma escola que não prepara mais os alunos para o mercado, professores mal remunerados e insatisfeitos, tensos e com medo. Uma situação que se agrava ainda mais, especialmente quando os professores se deparam com alunos usuários de drogas e, conseqüentemente, o narcotráfico. O traficante percebe a escola como um lugar de grandes possibilidades para o uso, venda e aliciamento, ou seja, um espaço farto de consumidores. Conseqüentemente ocorrem problemas de intimidação ameaça, cobrança de dívidas e assassinatos. A escola ainda enfrenta problemas em razão da forma como os meios de comunicação se referem às drogas: ora como algo bom e saudável utilizado nas estratégias de marketing, a exemplo do álcool e cigarro, ora como um mal destruidor característico das classes pobres.

Está formada uma situação para a qual os professores não foram preparados na sua formação, exigindo dos diretores e da equipe pedagógica um esforço desumano ao tentar alternativas e ações para estreitar as relações com os alunos e familiares e outros serviços existentes nas comunidades onde os alunos estão inseridos, através de projetos com respostas, muitas vezes, pouco animadoras e sem uma preparação profissional adequada nem apoio do Estado. Os professores para enfrentar tal problemática, se limitam a conversar com pais e alunos, fazer palestras e passar informações sobre o assunto. Para fundamentar melhor o que estamos afirmando utilizaremos a seguir a fala de uma das alunas entrevistadas:

A escola faz algumas palestras sobre o assunto, mas poderia se empenhar mais (entrevitado B.G.P)

A influência que a educação escolar e familiar exerce sobre os jovens é de extrema importância para a sua formação, pois é um aprendizado que os acompanhará por toda vida.

E suas ações refletirão geralmente o que lhes foi ensinado pelas referidas instituições. Por isso, consideramos relevante fazer uma abordagem de como as famílias reagem diante de um filho usuário de drogas.

4 A FAMÍLIA E AS DROGAS: UMA RELAÇÃO COMPLICADA

Freitas (2002) afirma que em qualquer caso de dependência química é imprescindível o apoio da família para o tratamento e recuperação do usuário de drogas. Tal recomendação ocorre pelo fato de que, na maioria dos casos, o uso das drogas é iniciado na adolescência por ser um momento de grandes transformações corporais e psicológicas, acarretando mudanças também na família. O adolescente nesta fase passa por um momento delicado que o deixa vulnerável para usar drogas. Também constitui um período de grande preocupação para os pais, que não estão preparados para lidar com o adolescente nesse momento da vida, ainda mais quando este faz uso indevido de drogas.

Entretanto, muitos pais demoram em aceitar e perceber a sua participação no uso de entorpecentes pelo seu filho, fenômeno comum em famílias desestruturadas, e só percebem o quanto foram falhos na educação dos filhos quando se deparam com uma situação limite, ou seja, a partir da instalação dos problemas gerados por uma toxicomania. Mas, seria um engano afirmar que todos os casos de drogadição advêm de famílias desestruturadas. De qualquer forma, em qualquer iniciação de casos de dependência química está presente a falta de amor e o abandono, além de não saber lidar com as frustrações, e a falta de limites.

Nas famílias sem uma formação estrutural sólida, os pais não conseguem passar para os filhos uma educação saudável, uma vez que educar não constitui tarefa fácil e não se faz sem conflitos ou contradições e diferentes ideais valorativos; razões pelas quais, muitas vezes, os pais, por não quererem entrar em atrito com os filhos, deixam de impor limites num determinado momento. Porém, essa falta de limites claros e bem definidos acarreta, muitas das vezes, graves problemas posteriormente. Fica claro, então, a grande dificuldade dos membros familiares de lidar com o não, tanto os pais quanto os filhos, de saber o momento certo e a forma adequada de impor os limites necessários, pois exige um cuidado muito tênue entre o que se deve ou não permitir, já que a liberdade é vital para o adolescente se tornar um adulto tranquilo e feliz, ter responsabilidade, autonomia, contribuindo para o seu convívio social. Nesse contexto, observamos que as famílias adotam um modelo de vida

repleto de mensagens contraditórias, são pactos perversos, onde os pais esquecem o essencial. Desta forma, a vida de um ser humano para a formação de um adulto independente, forte, saudável, física e psicologicamente conhecedor dos seus direitos e deveres, responsável pelos seus atos, com uma visão crítica de si e da sociedade, constituem medidas sem a menor relevância.

Isso ocorre pelo fato de existirem muitas famílias problemáticas.
(entrevistada F. M.M).

Essa prática contraditória afasta imensamente pais e filhos, que já não conseguem mais dialogar, cada um segue por caminhos divergentes e, sem entendimento, se instala a individualidade tão comum nos dias atuais. Está formado um campo propício para a falta de respeito à lei, no sentido amplo da palavra. Sem respeito à lei, aos limites, não se respeita ao outro, nem a si próprio, pois o uso continuado de psicotrópicos nada mais é do que um suicídio, lento e letal, isso quando não tem a vida interrompida de forma rápida e trágica.

Apesar do afastamento existente entre os membros familiares, um tratamento com jovens drogados não pode deixar de ser realizado em conjunto com a família, bem como seria dificultoso alcançar algum êxito nos casos graves de dependência sem a internação e acompanhamento de profissionais competentes direcionados para o paciente. A internação funciona para o dependente químico como um limite, que não foi posto pela família, visando alguma possibilidade de um tratamento posterior. Os jovens precisam aprender a ouvir e a dizer não, obedecer a limites. A família também não está isenta dessa aprendizagem, o trabalho com a família é de suma importância. Sem essa participação, os resultados esperados seriam limitados. Como afirma uma das alunas entrevistadas:

Se você tiver uma boa educação familiar, desde pequeno, e saber que drogas e vícios não faz bem, você não vai usar, pelo menos comigo funcionou assim.
(entrevistada J.C.C).

Apesar de todos os problemas ocasionados pelas drogas vividos pela escola, pela família, sociedade e pelo próprio indivíduo; não podemos negar que o uso de tais substâncias tem aumentado entre a população. O que nos leva a uma questão intrigante: que por mais que se busquem respostas, as repostas ainda são limitadas.

5 ALGUNS MOTIVOS QUE LEVAM UMA PESSOA A USAR DROGAS

É importante destacar nesta parte do artigo que mesmo com todas as informações divulgadas pela mídia, dos esforços do meio educacional, das informações obtidas através de populares, ou sinais dados pelo próprio corpo, as pessoas continuam usando drogas seja por falta de informação ou omissão, enxergar apenas os seus interesses, isso pode ser apenas uma satisfação pessoal, mesmo sendo rápida, passageira, artificial. De uma forma ou de outra, todos sabem dos riscos que as drogas trazem, mesmo assim se aventuram em um mundo incerto, cheio de riscos, trilhando o caminho da obscuridade. E, certamente, as respostas para essa questão passam por motivos ligados a insegurança, conflito familiar, vazio existencial, espírito grupal, não querer ser diferente do grupo ao qual pertence, pobreza ou mesmo falta de Deus. As pessoas usam drogas por todos os motivos possíveis e imaginários, usam até mesmo sem motivo. E há explicações para todos os gostos, daí a dificuldade para se obter uma resposta satisfatória (BATISTA, 2001). Entretanto, parafraseando Cavaliere e Egypto (2010), discorreremos sobre duas questões que nos parece importantes na atual conjuntura pós-moderna, qual sejam: as soluções químicas e as dificuldades de lidar com frustrações.

Não é surpresa que vivemos numa sociedade que estimula e vende soluções químicas para tudo. Tem química para resolver problemas de calvície, obesidade e tudo que se possa imaginar, e se ainda não foi inventado não demora a chegar é só esperar mais um pouco que o milagre acontece. Não há dor ou incômodo que não seja resolvido sem demora por uma fórmula química qualquer. Tem também o milagre da lipoaspiração, aplicação de silicone para ficar com tudo em cima (ou na moda) sem perder muito tempo. Toda essa necessidade por soluções rápidas está presente também no desejo de encontrar a felicidade de modo rápido e, muitas pessoas buscam nas drogas as sensações que desejam.

O processo de aprender a conviver com a dor, administrar os conflitos, a exemplo do processo de aprender, amadurecer, esperar é natural do ser humano, mas as pessoas fazem parecer que isso já não existe mais e não precisam mais esperar. No entanto, se engana quem acha que a felicidade é possível sem passar por esse processo de aprendizagem. A vida é cheia de frustrações desde o nascimento, pois não se pode ter tudo, no tempo e na hora que se deseja; e isso é bom, porque é assim que a gente cresce e se desenvolve. Quem não consegue ouvir um não, não suporta perder ou esperar e procura soluções fáceis, é um forte candidato a ser um dependente químico.

Inevitavelmente o bem-estar proporcionado pelas drogas é passageiro; logo as dificuldades aparecem e por não saber resolvê-las, o dependente passa a se drogar cada vez mais. Ou seja, o sonho de liberdade e felicidade torna-se um pesadelo, uma prisão, uma problemática de difícil solução, porém, não impossível.

Nesta perspectiva, uma das alternativas para solucionar ou mesmo minimizar os efeitos destrutivos causados pelas drogas seria ter de imediato um comprometimento, perseverança e competência social. Se não fomos nós que criamos o problema jogar a culpa no outro não nos isenta da responsabilidade. Mesmo porque a culpa não é só do outro, o importante é nos juntarmos objetivando resolver os problemas. As falas que seguem mostram na opinião dos entrevistados as razões que desencadeiam a dependência química:

Depende do ambiente escolar em que ele está, depende da educação que a família dá, depende de como ele se deixa influenciar pela sociedade. (entrevistada J.S.C).
Na minha visão é um conjunto de fatores que influenciam, cada um tem um pouco de culpa. (entrevistada, A.P.A).

Segundo Cavaliere e Egypto (2010), para solucionar tal problemática, um bom começo seria um processo educacional iniciado nas casas e continuando nas escolas, onde os jovens teriam oportunidade de consolidar valores importantes como: ética, moral e cidadania. Valores tão esquecidos atualmente. Claro que apenas isso não resolveria o problema, mas seria um ponto de partida para vivermos numa sociedade menos violenta e desigual. Entretanto, acreditamos que a melhor solução para o uso inadequado das drogas ainda é evitar o primeiro contato com elas. É bem verdade que o problema não se limita apenas a um fator, porém não podemos esquecer que a decisão final, na maioria das vezes, de usar drogas é do próprio usuário, recaindo sobre o mesmo grande responsabilidade em relação a seus atos. Como afirma uma das entrevistadas:

A culpa é do próprio usuário. Cada um faz suas próprias escolhas.
(Entrevistada: V.P.O).

6 POLÍTICA NACIONAL ANTIDROGAS

No Brasil, a Lei Antidrogas (Nº 11.343/2006), segundo Jesus (2009), está associada à política de redução de danos objetivando a prevenção; um conjunto de ações voltadas para o cuidado com a saúde e diminuição de riscos não só do usuário, como também da família e da sociedade. Tomando como referência autores como Cavaliere e Egypto (2010), as discussões sobre as políticas antidrogas atualmente giram em torno da legalização e descriminalização da maconha. Esta tem sido uma questão bastante polêmica, sobretudo por dividir opiniões

entre os que defendem a descriminalização, e acham que o usuário não deve ser processado, preso ou sofrer qualquer tipo de punição legal. Aqueles que defendem a legalização da maconha acreditam que a droga passaria a ser vendida em lojas e bares como já acontece com o álcool e o cigarro. Acreditam ainda que, com a legalização das drogas, o tráfico provavelmente deixaria de existir e conseqüentemente haveria a redução de crimes praticados pelos traficantes, e possibilitaria ao governo arrecadar impostos e usar o dinheiro proveniente desses impostos na prevenção e tratamento dos dependentes químicos. Por outro lado existem os que negam a descriminalização e a legalização, defendendo a proibição total do uso de drogas, punindo tanto o usuário (dependente ou não) quanto o traficante. Argumentam também que a não proibição aumentaria ainda mais o consumo, porque as drogas mais usadas são as legalizadas como o álcool e o cigarro.

As políticas antidrogas em diversos países do primeiro mundo seguem na linha da discriminação, e na adoção de leis mais modernas e flexíveis, com projetos de redução de danos e a liberalização da maconha e do seu uso medicinal. Países como Portugal, Austrália, Alemanha, Canadá e alguns países americanos são exemplos dessa nova política.

Claro está que essa não é uma questão tão simples, pois existem muitos interesses envolvidos em cada posição, que refletem na legislação de cada país. Mas, com algo em comum a todos, o objetivo de punição para os narcotraficantes e a tentativa de controlar o consumo e os efeitos nocivos causados pelo uso de entorpecentes Cavaliere e Egypto (2010).

Justamente por essa ser uma questão tão polêmica, destacaremos duas propostas favoráveis à legalização, mas que, de acordo com Laranjeiras (2009), são propostas sem fundamentos concretos que possam legitimar a legalização da maconha ou outras drogas ilícitas. A primeira trata-se da diminuição dos crimes relacionados ao narcotráfico, já que seria retirado o lucro dos traficantes e a segunda o aumento dos benefícios na área da saúde pública voltados para os dependentes químicos, disponibilizando agulhas limpas no intuito de prevenir doenças como hepatites e AIDS. Porém, esses argumentos, quando analisados mais profundamente, mostram que a legalização aumentaria a disponibilidade de qualquer tipo de droga e, conseqüentemente, o consumo das mesmas, inclusive em pessoas que não desenvolvessem a dependência química. Com isso haveria a probabilidade de aumentar o número de dependentes químicos, ocasionando provavelmente alteração da coordenação motora, aumento de vários tipos de acidentes, a diminuição do desempenho no estudo e no trabalho. Além de não assegurar totalmente que tais substâncias não sejam usadas por crianças e adolescentes, devido às leis nem sempre funcionarem ou funcionarem

parcialmente. Tendo como exemplo o álcool e o cigarro que, em casos graves, chega a ser um problema de saúde pública, afetando principalmente a população mais carente economicamente, que provavelmente teriam o acesso mais restrito ao tratamento público diante de uma dependência química, a melhoria na área da saúde não procede.

O mesmo acontece em relação aos crimes associados ao uso indevido de drogas, mesmo quando mostram os benefícios adquiridos com arrecadação de impostos pelo governo, com a venda das drogas, para ser utilizado no tratamento e prevenção dos dependentes químicos, ignoram dois fatores relevantes: o alto custo da dependência para o usuário para manter seu vício, já que os mesmos na sua grande maioria não têm emprego fixo ou estável, e a legalização por si só não ocasionaria mudanças no comportamento seja do usuário ou na sociedade, pois, para que ocorra a legalização é necessário haver no mínimo uma atitude responsável por parte do usuário e dos vários espaços sociais. Sendo assim, acreditamos que a sociedade brasileira não está preparada para uma mudança tão radical.

7 BREVE CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

A Escola Estadual de Ensino fundamental e Médio fica localizada na Rua José Gabio de Oliveira, s/n, Bairro Cruzeiro, em Campina Grande, Paraíba. Foi fundada no ano de 1980 na gestão de Tarcísio de Miranda Burity, através do decreto 800.385 e seu funcionamento foi regulamentado em 24 de dezembro 1989. Atualmente conta com a gestão de uma diretora e dois vice-diretores. Funciona nos horários diurnos e noturnos, e procura desenvolver ações e serviços que atendam as necessidades de desenvolvimento do seu corpo discente nos aspectos físicos, psíquicos e de socialização. Com esse objetivo, a escola desenvolve três projetos, são eles: Redescobrimo valores, repensando a vida e a família, Prevenção as drogas e Grafismo. Possui ainda convênios de integração entre empresa e escola (CIEE), possibilitando aos jovens o acesso a um estágio remunerado para facilitar sua entrada no mercado de trabalho.

Atualmente, a escola tem aproximadamente 2400 alunos matriculados e de acordo com os dados fornecidos pela direção, o quadro de profissionais é composto por 18 professores efetivos, 16 professores pró-tempores, 33 auxiliares de serviços gerais, 1 dentista, 1 diretor, 1 assistente social e 1 supervisora educacional.

Além de ter uma boa estrutura física, constituída por 20 salas de aula, 1 sala de vídeo, 1 sala de professores, 1 sala de reunião, 1 cozinha com dispensa, 1 auditório, 4 banheiros, 1 sala de direção, 1 secretaria, 1 sala de arquivo, 1 sala de Recursos Humanos, 1 biblioteca, 1

sala de computação, 1 laboratório de ciências naturais, 1 sala de matemática, 1 gabinete odontológico e 1 sala de mimeografia.

Os recursos financeiros são adquiridos através do Fundo Nacional de Desenvolvimento (FNDE), para a aquisição de recursos materiais conta com o Programa Dinheiro Direto da Escola (PDDE), criado pelo Ministério da Educação. Já para a assistência alimentar a verba é proveniente da receita federal fornecida pelo Ministério da Educação (MEC).

8 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

A nossa pesquisa teve como sujeitos os alunos da Escola Estadual Raul Córdola, ressaltando que foram entrevistados 16 homens e 18 mulheres, com idades entre 18 e 49 anos que estivessem cursando do 6^a ano do ensino fundamental ao 3^a do ensino médio do (EJA) Educação para Jovens e Adultos. Todos os nossos entrevistados já deviam ter concluído o 3^a ano do ensino médio, mas acreditamos que devido interesses pessoais ou por falta de uma boa base educacional estes ainda se encontram em sala de aula para suprir a lacuna que ficou na sua graduação.

O resultado da pesquisa apresenta a visão dos alunos de uma forma geral acerca do uso de drogas na escola e os meios de prevenção utilizados pelos profissionais da instituição. Sendo assim os resultados obtidos foram analisados e descritos logo a seguir:

Tabela I- Identificação do perfil dos alunos em relação ao gênero

Sexo	Quantidade	Porcentagem
Masculino	16	48%
Feminino	18	52%
Total	34	100%

Fonte: Entrevista realizada em maio de 2010

Os dados da tabela acima mostram a quantidade de sujeitos masculinos e femininos entrevistados. Inicialmente, os alunos seriam entrevistados independentemente do sexo, sem ser determinada a quantidade de homens e mulheres, porém percebemos que, se não fosse feita essa especificação, a quantidade de mulheres dispostas a colaborar com a pesquisa seria muito maior em relação aos homens e conseqüentemente teríamos maior dificuldade de

encontramos indivíduos usuários de drogas. Por isso, optamos por entrevistar um homem e uma mulher de cada sala de aula. Já que pesquisas mostram que os homens são mais propensos a experimentar o novo, o desconhecido. Por terem um espírito aventureiro, os homens correm mais riscos a ponto de colocar em perigo suas próprias vidas. Esse comportamento pode ser comprovado pelos altos índices de homens envolvidos em acidentes seguidos ou não de morte, na maioria das vezes, relacionados à embriaguês alcoólica. E, conseqüentemente, maior envolvimento com o uso de drogas e o narcotráfico.

Sobre a referida temática, Fontenelle (2010) afirma não é segredo que os homens bebem e se drogam mais do que as mulheres. O resultado disso é que, em maior proporção em relação às mulheres, se envolvem em acidentes de trânsito, morrem precocemente, cometem suicídio, entre outros.

Tabela II - Perfil dos entrevistados em relação à Faixa-etária

Faixa etária	Quantidade	Porcentagem
18-29	24	70%
30-39	08	24%
40-49	02	06%
Total	34	100%

Fonte: Entrevista realizada em maio de 2010

Com relação à idade, a tabela acima mostra que, apesar da maioria dos entrevistados ser composta de jovens entre 18 a 29 anos, o desinteresse de continuar os estudos afeta boa parte dos alunos. Acreditamos que isso ocorre, em parte, por causa de motivos tais como: falta de condições financeiras; exercício de função remunerada ou simplesmente por achar que está velho demais para continuar os estudos. Por outro lado temos também a escola que não prepara adequadamente os alunos para prosseguir estudando devido atender aos interesses do capital. Outra constatação é a de que nesta idade esses sujeitos já deveriam ter concluído os estudos, inclusive em nível superior e já deveriam estar ocupando uma boa situação no mercado de trabalho.

De acordo com Mészáros (2005), a educação deve buscar alternativas diferenciadas estimulantes que atendam as necessidades dos alunos.

Tabela III- Dados da pesquisa quanto ao trabalho de prevenção realizado pela escola

Trabalho de prevenção	Quantidade	Porcentagem
Não	20	60%
Sim	14	40%
Total	34	100%

Fonte: Entrevista realizada em maio de 2010

Os dados da tabela acima mostram o trabalho de prevenção realizado pela escola, onde constatamos os respectivos resultados, 60 % dos entrevistados responderam que a escola não faz trabalhos de prevenção e 40% disseram que a escola realiza atividades de prevenção, como afirmam as falas abaixo:

Não, a minha escola não aborda esse tema. (entrevistada V.P.O).

Sim, às vezes fazem palestras contra as drogas. (entrevistada J.C.S).

De acordo com Medeiros (2006), os valores atualmente utilizados na prevenção do uso indevido de drogas passam pela qualidade de vida, intervenções participativas, valorização do meio social e dos direitos humanos. No entanto, as atividades de prevenção das escolas não têm surtido o efeito esperado, seja pelo fato de serem tímidas ou pontuais, seja pelo fato de não seguirem uma metodologia adequada em face das demandas que são postas ao cotidiano escolar. Uma coisa não podemos negar: as drogas não estão apenas fora dos muros da escola elas já ocuparam há muito tempo as dependências internas destas.

Tabela IV- Identificação dos entrevistados referente ao apoio familiar

Apoio Familiar	Quantidade	Porcentagem
Não	32	94%
Sim	02	6%
Total	34	100%

Fonte: Entrevista realizada em maio de 2010

A tabela acima se refere ao apoio familiar oferecido aos jovens a partir da instalação da drogadição. Nela, constatamos os seguintes resultados: 94% responderam que

não tiveram apoio da família porque não eram usuários de drogas, e 6% disseram que tiveram apoio familiar em algum momento da drogadição. Como mostra a fala que segue:

Sim, até porque na minha família ninguém usa, para mim foi como uma esperança. (entrevistada L.N.S).

De acordo com Freitas (2002), considerando a problemática da drogadição, o trabalho de prevenção e tratamento deve ter um acompanhamento familiar, pois sem o apoio da família o trabalho de recuperação é minimizado. Mas também é fundamental dedicar uma atenção especial ao grupo familiar, visto que o jovem depende econômica e psicologicamente do mesmo.

Com relação às salas visitadas (6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio da Educação para Jovens e Adultos), constatamos que alunos que já deviam ter concluído o 3º ano do ensino médio, ainda estão cursando o 6º ano do Ensino Fundamental, ou seja, continuam na escola para suprir uma deficiência escolar existente desde o início de sua escolaridade. Deficiência esta que não foi superada com a continuação dos estudos. Assim, mesmo que esses alunos cheguem a frequentar um curso superior, conseqüentemente encontrarão dificuldades de entrar no mercado de trabalho, pois estarão fazendo isso tardiamente.

De acordo com Medeiros (2006), a escola não garante mais a inserção do jovem no mercado de trabalho, uma vez que mostra limitações para ajudar os alunos nas suas decisões sobre projetos futuros.

Ao perguntarmos aos sujeitos da pesquisa se já haviam feito uso de algum tipo de psicotrópico, os resultados mostraram que 29 alunos, representando um total de 85%, disseram que não, e 5 alunos (15%) responderam a essa questão afirmativamente. Entre os usuários verificamos um número maior entre os homens, já que 4 eram homens e apenas uma era mulher. Entretanto, acreditamos que o número de usuários pode ser maior em razão de os entrevistados não se sentirem a vontade para afirmar sobre o uso de drogas, ou por considerar que as substâncias lícitas não se enquadram nas drogas, como mostra a fala de um de nossos entrevistados:

Não sou usuário, só uso álcool eventualmente. (entrevistado M.A.P)

Ainda sobre essa questão, Morais (2011) afirma que os homens usam mais drogas do que as mulheres e representam 90% da população de Alcoólicos Anônimos (AA's) e

Narcóticos Anônimos (NA's), cometem mais infrações de trânsito, além de serem mais agressivos e impulsivos.

No que diz respeito à influência familiar, como uma das questões que nortearam nossa pesquisa, os resultados mostram que 79%, representando 32 dos alunos entrevistados, disseram que a influência familiar é muito importante para prevenir o uso de drogas e 21%, um total de 2 estudantes, responderam que a família não exerce nenhuma influência, pelo contrário, muitas vezes, o jovem passa a usar drogas para fugir de conflitos gerados em casa. Como mostra os relatos a seguir:

Não, porque muitos jovens as vezes com problemas em casa procuram as drogas como uma solução para os problemas, e outros usam por diversão. (entrevistada R.C.F. V)

Sim, pois uma boa família ensina o que é bom ou não no decorrer da vida daquela pessoa. (entrevistado W.S.M).

Segundo Freitas (2002), muitos pais negam veementemente qualquer participação acerca do uso de drogas do filho, até porque isto implicaria repensar o seu mundo interno, o modelo de educação adotado e os valores transmitidos, algo que não está disposta ou simplesmente não quer fazer.

Quando perguntamos sobre se os métodos de prevenção e recuperação adotados pela escola, eram adequados, obtivemos os seguintes resultados: um total de 30 alunos cerca 70% dos entrevistados, responderam que a escola não realiza trabalhos de prevenção e tratamento e 15%, representando 2 alunos, disseram não conhecer nenhuma atividade de prevenção, realizada pela escola, enquanto os 15% restantes não quiseram ou não souberam opinar, deixando claro o desencontro de informações dentro da escola. Como destacam as falas abaixo:

Na minha opinião, a escola não possui essa forma de ajuda. (entrevistada. M.M.O)

Para prevenção, sim, pois passou algumas informações importantes. (entrevistado B.G.P).

A esse respeito Medeiros (2006), afirma que a escola é constituída de mundos diferentes, com valores, opiniões e linguagens diferentes. Dificultando a comunicação e a compreensão do que está sendo dito entre professores e alunos.

Quando perguntamos se a escola influenciou na decisão de não usar drogas, 20 alunos, em torno de 52% dos entrevistados, disseram que a escola não teve nenhuma influência, e 41%, representando a opinião de 16 alunos, afirmaram a importância da função

da escola na sua decisão de não usar drogas. Apesar do grande número de negativas, percebemos que a escola ocupa um lugar de destaque na prevenção do uso de entorpecentes. Como mostra o relato a seguir:

Com certeza, pois a escola trabalha com essa intenção, de ter alunos conscientes que a droga não faz bem a ninguém. (entrevistada J.M.Q).

Segundo Medeiros (2006), embora os profissionais da educação não sejam preparados profissionalmente para resolver problemas com entorpecentes, o espaço escolar abre possibilidades e perspectivas que vão além do uso de drogas.

Ao serem questionados se a escola é um meio eficiente de conscientização e prevenção, constatamos que 40%, ou seja, 20 dos alunos entrevistados, não vê a escola como um meio eficaz de conscientização, porque muitos jovens têm acesso às drogas dentro da escola, e 60%, representando 14 alunos, acreditam que sim, por causa das informações passadas pela escola. Como mostra a fala abaixo:

Sim, com certeza é na escola que passamos boa parte do nosso tempo. (entrevistada A, K.C.ST).

De acordo com Medeiros (2006), são inúmeras as “falas” que questionam a eficácia atual das escolas em formar crianças e jovens para uma vida cidadã e consciente, aliada a um sentimento de indignação e enganação.

Ao serem indagados a respeito sobre o que a escola poderia fazer para prevenir ou inibir o uso de drogas, identificamos de forma resumida as seguintes respostas. “Realizar mais palestras, documentários”; “proibir o uso de drogas dentro da escola”; “contratar mais vigias e psicólogos”; além de “promover projetos de intervenção”. Tais sugestões evidenciam a preocupação dos alunos com os poucos trabalhos de prevenção realizados pela escola. Como destacam as falas que seguem:

Fazer palestras, pedir mais a presença dos pais na escola. (entrevistada M. S.A)

Fazer mais palestras de conscientização alertando sobre os perigos das drogas. (entrevistada J.C.C).

Acerca dessa questão, Rebelo (2001) afirma que a escola é considerada pelos alunos um bom lugar para falar de prevenção, mas as experiências dos jovens revelam que os professores falam pouco acerca do tema.

Ao serem questionados a respeito do que poderia ser melhorado no trabalho de intervenção realizado pela escola, as respostas obtidas foram: “ter mais palestras”; “maior proximidade com os alunos”; “combate ao tráfico” e “esporte”. Além do acompanhamento dos pais e psicólogos. Novamente, os resultados mostram a preocupação dos alunos com a prevenção, conforme revelam as falas que seguem:

Chamar pessoas que realmente foram viciadas para palestrarem, assim os jovens verem que existe saída. (entrevistada P.C.C).

Fazer mais palestras, oficinas, atividades de conscientização. (entrevistado B.G.P.)

A esse respeito, Moreira (2006) afirma que a escola deve adotar projetos de intervenção que tenham por objetivo treinar os alunos para resistir às pressões de envolvimento com drogas, exercidas por grupos de amigos, pela mídia e até pelos pais.

Ao perguntarmos sobre a responsabilidade da escola, família, sociedade e pessoal, dos indivíduos identificamos que todos os âmbitos da sociedade têm sua parcela de responsabilidade na problemática da drogadição. Entretanto, recai sobre o usuário a maior parte da culpa. Como nos mostram os relatos abaixo:

A culpa é do próprio usuário. Cada um faz suas próprias escolhas. (entrevistada. V.P.O).

Na minha opinião é um conjunto de fatores que influenciam, cada um tem um pouco de culpa. (entrevistado A.P.A.).

Segundo Batista (2001), o problema das drogas não é fácil de ser resolvido, mas também não é impossível. Para tanto, é necessário parar de jogar a culpa no outro e nos juntarmos a entidades, grupos ou pessoas capazes de encontrar uma solução para o problema de forma mais responsável e eficaz.

9 CONSIDERAÇÕES APROXIMATIVAS

Tendo por base a pesquisa realizada, concluímos que a relação que a escola e a família mantêm com os usuários de drogas é muito complexa e vai além dos muros da escola e do espaço familiar. Para esta afirmação consideramos que a falta de apoio do Estado, da sociedade e até mesmo das famílias assumem papéis de destaque nesse processo. Como se

não bastasse, essa realidade é agravada ainda mais pela falta de preparação dos profissionais da educação visando prevenir ou ajudar alunos dependentes químicos. Tendo em vista que resta a esses profissionais, quase que exclusivamente, adotarem sozinhos as medidas de prevenção, que nem sempre são as mais recomendadas. As falas dos alunos deixam clara a importância da escola e da família na prevenção e recuperação dos sujeitos usuários de drogas, mas afirmam que tanto os profissionais da educação quanto os familiares não estão preparados para lidar com esse problema. É possível afirmar, pois, que a responsabilidade sobre problemas com as drogas não é apenas do usuário ou de um determinado grupo social. Mas, do conjunto dos segmentos que compõem uma determinada sociedade.

Dessa forma, concluímos que os trabalhos de prevenção realizados pela escola Raul Córdola são pouco eficientes e escassos, não alcançando de forma efetiva os objetivos desejados em relação aos métodos de prevenção direcionados aos alunos. Porém, para que isso ocorra de forma mais satisfatória, um bom começo, mesmo não sendo a solução do problema, seria a integração da escola com as famílias bem com os vários espaços sociais e governamentais, conhecido como trabalho em rede.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Cid Martins. **Porque as pessoas usam Drogas**. 2001. Disponível em: <http://www2.brasil_rotario.com.br>. Acesso em 20 de mai. 2011.

CAVALIERI, Ana Lúcia Ferreira; EGYPTO, Antonio Carlos. **Drogas e Prevenção: a cena e a reflexão**. 5 ed .São Paulo: Saraiva 2010.

CUMINALE, Natalia. **Oxi: Uma Nova e Devastadora Droga se Espalha pelo País**. 06 mai. 2011. Disponível em: < [http:// www.veja.abril.com.br/noticia](http://www.veja.abril.com.br/noticia) >. Acesso em: 23. Jun. 2011.

FONTENELLE, Leonardo. **Porque os Homens Morrem mais cedo**. 27. ago. 2010. Disponível em:<<http://www.leonardof.br/>>. Acesso em: 22 jun.2011.

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. **Adolescência, Família e Drogas: A Função Paterna e a Questão dos Limites**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

JESUS, Damásio de. **Lei antidrogas Anotada: Comentários à Lei n.11.343/2006**. 9. ed . São Paulo: Saraiva. 2009.

LACERDA, Roseli Boerngen de. **As drogas na sociedade informações sobre as drogas psicotrópicas: ações e efeitos no organismo**. Disponível em: <<http://www.mp.go.gov.br/>> acesso em: fev.2011.

LARANGEIRAS, Ronaldo. **Um intenso debate sobre a legalização das drogas no Brasil**. out 2009. Disponível em: <<http://www.kiai.med.br/>>. Acesso em: 20 de jul. 2011.

LIMA, Elson S; AZEVEDO Renata Cruz S. **Programa de Prevenção ao uso de Substâncias Psicoativas lícitas e Ilícitas na UNICAMP**. 12 ago. 2003. Disponível em <<http://www.prdu.unicap.br>> Acesso em: fev.2011.

MEDEIROS, Regina. **A Escola no Singular e no Plural: Um Estudo sobre Violência e Drogas nas Escolas** São Paulo: Autêntica, 2006. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

MÉSZAROS, István. **A Educação para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOREIRA, Fernanda Gonçalves; SILVEIRA, Dartieu Xavier da and ANDREOLE, Sérgio Baxter. **Redução de Danos do Uso Indevido de Drogas no Contexto da Escola Promotora de Saúde**. Ciência e saúde coletiva [online]. 2006 vol. 11, n3, PP.807-816.

REBELLO, Sandra. et al. **A visão de escolares sobre drogas no uso de um jogo educativo**. Revista Interface Comunicação, Saúde, Educação, São Paulo, v.5, n.8, p.75-88, fev.2001.